

GIOVANI CAVALHEIRO NOGUEIRA
JOSÉ MARIA R. TRINDADE
SANDRA BERNADETE RAMOS

**O SISTEMA AVALIATIVO NA EJA DA PREFEITURA
MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS**

FLORIANÓPOLIS/SC
2007

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE SANTA CATARINA – CEFET/SC – CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TÉCNICA DE NÍVEL MÉDIO INTEGRADA AO ENSINO TÉCNICO NA MODALIDADE DE JOVENS E ADULTOS

Giovani Cavalheiro Nogueira

José Maria R. Trindade

Sandra Bernadete Ramos

ORIENTADOR: PROFESSOR MAURICIO GARIBA JUNIOR, Dr.

O SISTEMA AVALIATIVO NA EJA DA PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS

FLORIANÓPOLIS, 2007.

Trabalho de conclusão de Curso
apresentado ao CEFET/SC, como
requisito parcial para obtenção do
título de Especialização em
Educação Profissional Técnico de
Nível Médio Integrada ao Ensino
Técnico na modalidade de Jovens
e Adultos.

ORIENTADOR: PROFESSOR MAURICIO GARIBA JUNIOR, Dr.

BANCA: GEYSA SPITZ ALCOFORADO DE ABREU

MARIVAL COAM

FLORIANÓPOLIS/SC
2007

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela dádiva da vida;

Ao CEFET/SC e toda a equipe de professores que colaboraram para a construção do nosso conhecimento.

Ao nosso orientador que soube ser firme e motivador ao longo do nosso estudo, acompanhando passo a passo nosso desenvolvimento de maneira exemplar e competente;

As professoras Waléria Kulkamp Haeming e Geysa Spitz Alcoforado de Abreu, pelo compartilhamento de seus conhecimentos, que foi decisivo para a construção do nosso conhecimento.

Aos colegas de estudo pela tolerância, pelo aprendizado conjunto, pelo apoio incondicional e motivador;

Aos nossos familiares pela compreensão, apoio e incentivo e, aos amigos que, de alguma forma, colaboraram para a feliz culminação desta tarefa;

“A diferença entre professores e educadores está no olhar”.

Os olhos dos professores olham primeiro os saberes.

Seu dever é cumprir os programas.

Depois eles olham para os alunos, para ver se eles aprenderam os saberes.

Para professores, saberes são fins; alunos são meios.

Os olhos dos educadores ao contrário, olham primeiro para os alunos.

Eles querem que os alunos “degustem” os saberes.

“Todo saber deve ser degustado.”

Rubens Alves

SUMÁRIO

RESUMO.....	07
1 INTRODUÇÃO.....	08
2 OBJETIVOS.....	12
2.1 Objetivo Geral.....	12
2.2 Objetivos específicos.....	12
3 JUSTIFICATIVA.....	13
4 METODOLOGIA.....	14
5 CAPÍTULO I - A AVALIAÇÃO.....	15
5.1 Tipos de avaliação.....	15
5.1.1 Avaliação diagnóstica.....	16
5.1.2 Avaliação formativa.....	16
5.1.3 Avaliação somativa.....	17
5.2 A prática avaliativa conservadora.....	17
5.3 A prática avaliativa transformadora.....	19
5.3.1 Quando e como avaliar.....	21
6 CAPÍTULO II - AS DIRETRIZES DA EJA/PMF.....	26
6.1 O diário do aluno.....	24
6.2 As socializações.....	32
7 CONCLUSÕES.....	35
8 REFERÊNCIAS.....	37
ANEXOS.....	39

NOGUEIRA, Giovani Cavalheiro. TRINDADE, José Maria R. RAMOS, Sandra Bernadete. O SISTEMA AVALIATIVO NA EJA DA PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS, 2007.p.41. Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Técnico na Modalidade de Jovens e Adultos. Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina - CEFET/SC, Unidade Florianópolis.

RESUMO

O presente estudo foi realizado em uma escola pública do município de Florianópolis/SC que trabalha com Educação de Jovens e Adultos (EJA). Teve como objetivo analisar o sistema de avaliação escolar e sua efetiva aplicação relacionada ao projeto político pedagógico (PPP). Os resultados evidenciaram que o registro e a reflexão são constantes nos processos avaliativos, e que está inserido ao processo ensino aprendizagem. Confirma-se que a proposta diferenciada, incluída no PPP, concebe as necessidades e potencialidades de seus estudantes, comprometendo-se com o emprego da avaliação de forma a proporcionar uma aprendizagem de qualidade a todos.

Palavras chaves: Avaliação, Instrumentos Avaliativos, Educação de Jovens e Adultos, Projeto Político Pedagógico.

1 INTRODUÇÃO

A avaliação constitui uma etapa necessária ao processo ensino-aprendizado, porém como enfatiza Canen (1999, p. 97), “as distorções pelos quais os processos avaliativos têm-se realizado no dia-a-dia de nossas escolas têm colocado para expulsão de grande parte da população dos bancos escolares”. Os dados confirmam esta afirmação, pois apesar de, no Brasil, mais de 95% das crianças estarem em processo de escolarização, segundo a Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios (PNAD / IBGE), em 2003 apenas 13 % do total da população havia completado o ensino médio.

O Brasil no século XXI apresenta realidades tão desiguais que fazem com que os desafios da educação permanente, seja, de encontrar soluções para convergir às metodologias e práticas da educação continuada, para que a avaliação possa ser transformadora.

A avaliação seletiva e eliminatória das escolas tem contribuído para um universo de mais de 35 milhões de brasileiros/as maiores de 15 anos que não completaram a primeira fase do ensino fundamental, além de outros 20 milhões identificados em diferentes níveis de analfabetismo, a qual a EJA tem como espaço de influência (LEMOS 1999).

Segundo KOHL (1999) o adulto da EJA é geralmente o migrante que chega às grandes metrópoles provenientes de áreas rurais empobrecidas, filhos de trabalhadores rurais não qualificados e com baixo nível de instrução escolar.

Lemos (1999) levanta os motivos dos adolescentes e adultos procurarem um curso de EJA,

Inicialmente são motivados pela expectativa de conseguir um emprego melhor, ou então são levados pelo desejo de elevação da auto-estima, da independência, da melhoria de sua vida pessoal (...) Em síntese, pode-se inferir que o maior motivo da procura da escola é a necessidade de fixação de sua identidade como ser humano e ser social. (LEMOS 1999, P. 25).

A escolarização normatizadora imposta aos trabalhadores que conseguem voltar ao estudo, não garante efetivamente uma mudança em suas condições de vida. Apenas contribui para aumentar a desigualdade social, além de alienar os trabalhadores acerca da realidade em que estão inseridos. É preciso uma educação que problematize o cotidiano, que vá além das condições sociais colocadas pelo mercado (MESZAROS, 2005).

O grande desafio está em criar uma escola de qualidade para jovens e adultos em função das especificidades desses sujeitos. Levando em conta o reconhecimento dos espaços de produção de saberes na sociedade e possibilitando o acesso aos bens culturais produzidos historicamente.

A câmara de Educação Básica do conselho Nacional de Educação, por meio do parecer nº 11/2000 e da Resolução nº 1/2000, aprovou as diretrizes curriculares nacionais para a Educação de Jovens e Adultos (EJA), como uma modalidade de ensino da educação básica. O parecer reforça a idéia que as propostas educacionais para Jovens e adultos precisam considerar o perfil destes alunos, tendo assim uma identidade própria, com finalidades e funções específicas.

A Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB 9.394/96) acabou com o sistema rigoroso de notas e médias finais no processo de avaliação escolar. Para Luckesi (1998, p.17), a nota verifica, não avalia:

Toda verificação é uma forma de avaliação, mas nem toda avaliação resulta da verificação. Ninguém aprende para ser avaliado, nós aprendemos para termos novas atitudes e valores. No palco da vida a avaliação é meio e nunca fim do processo de ensino, não deve se comprometer em ajuizar, mas reconhecer no processo de ensino, a formação de atitudes e valores.

Segundo a mesma Lei, ao se referir à verificação do rendimento escolar no artigo 24, determina que os docentes observem os critérios de “*avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais*”.

A complexidade do fenômeno de avaliação é realçada por Perrenoud (1990), segundo o qual não existe avaliação sem relação social e sem comunicação interpessoal, tratando-se de um mecanismo do sistema de ensino que converte as diferenças culturais em desigualdades escolares. Por outro lado, a análise do processo avaliativo mostra que:

Não existem medidas automáticas, avaliações sem avaliador nem avaliado, nem se pode produzir um estado de instrumento e o outro ao de objeto. Trata-se de atores que desenvolvem determinadas estratégias, para qual a avaliação encerra uma aposta, sua carreira, sua formação. O professor e o aluno se envolvem num jogo complexo cujas regras não estão definidas em sua totalidade, que se estende ao longo de um curso escolar e no qual a avaliação restringe-se a um momento. (PERRENOUD. 1990, p. 18).

Na perspectiva de políticas educacionais e sociais, a educação básica e a qualificação profissional são requisitos fundamentais para o crescimento econômico, para a competitividade internacional e para a melhoria da qualidade de vida da população. Acredita-se que a avaliação e a verificação do rendimento escolar possuem relação direta com esse contexto social.

Este trabalho pretende possibilitar uma reflexão a respeito da avaliação na EJA. Tomamos como objeto de estudo o sistema avaliativo de um Núcleo da Educação de Jovens e Adultos da Secretaria Municipal da Educação de Florianópolis¹, que por meio da Divisão de Educação Continuada (DEC), a partir de 2001, implementou uma proposta diferenciada de educação de jovens e adultos no município. Hoje ela é a proposta de trabalho de todos os Núcleos da Educação de Jovens e Adultos da Prefeitura e tem a pesquisa enquanto princípio educativo, muito diferente do que existe nas escolas de Ensino Fundamental.

A pesquisa começa a partir do interesse do aluno, mediada pelos educadores, na construção da sua problemática, que nada mais é do que uma pergunta que impulsiona todo o trabalho. Em uma sala de aula, várias pesquisas vão acontecendo simultaneamente, sendo socializada às outras equipes de pesquisa, estabelece relações de saberes e conhecimentos, criando, com isso, muitas possibilidades de aprendizagens.

Segundo o Projeto Político Pedagógico da instituição, o processo de realização dos projetos de pesquisas consta das seguintes etapas: problematização, planejamento, coleta de dados, sistematização, elaboração do produto final e apresentação. Em todas essas etapas, além da efetiva participação de todos os professores, acontecem os momentos de socialização entre os envolvidos e sua turma na construção do conhecimento e *“também na elaboração de propostas de atuação com a comunidade escolar e geral com vistas ao objetivo de um mundo cada vez mais justo”*.

No núcleo existem vários professores de diferentes áreas do conhecimento, para auxiliar o aluno na construção do conhecimento. Cada turma é orientada por um educador/a, chamado de professor/a orientador/a, e o aluno tem aulas com professores/as do ensino fundamental (Português, Matemática, Ciências, História, Geografia, Artes, Língua Estrangeira).

¹ No ano de 2006 havia sete Núcleos de Educação em diferentes comunidades da ilha e um no continente. Estes Núcleos funcionam, na sua grande maioria no período noturno e no espaço das escolas da Rede Municipal de Educação.

A Instituição está localizada a Rua Ferreira Lima nº 82, Bairro Centro. No ano de 2006, atendeu aproximadamente 200 alunos em três turnos (matutino, vespertino e noturno) na faixa etária de 15 a 50 anos, preponderantemente trabalhadores procedentes de várias localidades periféricas do município de Florianópolis.

O curso é organizado em dois segmentos:

- Primeiro Segmento - Equivalente a Alfabetização e às quatro primeiras séries do Ensino fundamental (1ª e 4ª série).
- Segundo Segmento - Equivalente às quatro últimas séries do ensino Fundamental (5ª à 8ª série). Para este segmento o certificado do curso é equivalente ao de oitava série do ensino Fundamental da escola regular e a proposta pedagógica é o da pesquisa como princípio educativo.

A duração de cada segmento depende do aluno e varia de 800 a 1600 horas-aula efetivamente trabalhadas, ao qual o aluno desenvolve três pesquisas em grupo. Cada dia letivo corresponde no máximo de quatro horas-aula.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

- Investigar se a proposta de avaliação do projeto político pedagógico no núcleo EJA/Centro da Prefeitura Municipal de Florianópolis é efetivamente praticada.

2.2 Objetivos Específicos

- Refletir sobre os conceitos e as práticas avaliativas.
- Analisar os instrumentos e procedimentos avaliativos da instituição.

3 JUSTIFICATIVA

A proposta de avaliação de uma instituição escolar deve estar condicionada à concepção de educação presente no projeto político pedagógico. Há modelos de avaliação pautados no diálogo construtivo que almeja a emancipação dos sujeitos envolvidos no processo ensino-aprendizagem, ou modelos tradicionais que revelam em sua essência todo o autoritarismo punitivo de práticas pedagógicas impostas e perpetuadas ainda hoje.

Para Gadotti (1997), “*a avaliação é um mecanismo que acompanha a implantação e viabilização da correção dos rumos de certo modelo de escola*”. Nessa perspectiva, amplia-se o conceito de avaliação pautada até então no rendimento escolar do educando, para uma visão social de todo o contexto escolar e social que envolve esse sujeito.

4 METODOLOGIA

Motivados por concepções referentes ao processo de avaliações escolares e curiosos por saber da influência que ela exerce no aluno da EJA, é que realizamos esse estudo, que se constituiu uma pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva.

A modalidade qualitativa descritiva visa à compreensão e descrição das coisas e não as explicações dos fenômenos. Considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são fundamentais no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave, sendo o intérprete da realidade. A pesquisa exploratória visa proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo explícito ou a construir hipóteses.

No presente estudo, utilizamos como fonte documental materiais disponibilizados pelo Núcleo, são documentos institucionais, diários individuais e questionários de avaliações dos alunos e professores, referentes ao período noturno do ano de 2006. Esse tipo de abordagem permitiu compreender as concepções existentes no que se refere à avaliação educacional aplicada nessa instituição de ensino.

CAPÍTULO I

5 A AVALIAÇÃO

De acordo com Calhau (1999), os anos 80 e 90, trouxeram novas perspectiva em termos de avaliação, pois evidenciam os elementos que reproduzem a desigualdade, a exclusão, em confronto com as que podem trabalhar a favor de uma escola plural e democrática, pois a função principal da avaliação tem sido, essencialmente, classificar através da atribuição de notas.

A avaliação por classificação tem constituído, na opinião de Perrenoud (1999), praticamente a única fonte de informação, a partir da qual o aluno, os encarregados de educação e a escola se têm relacionado. Constituindo um meio simples e rápido para avaliação das aprendizagens, de informar o aluno, do seu valor relativo e do seu grau de sucesso. Ao classificar atribui-se um mérito relativo ao aluno, permitindo promovê-lo no sistema escolar e social na medida em que é possível ordená-lo, segundo níveis de competência social.

Como desvantagem, em primeiro lugar, a nota pouco esclarece e pode muitas vezes ser responsável pelo fracasso escolar ou até mesmo pela evasão. A classificação desenvolve, também, sentimentos de competição precoce, na medida em que se constitui, muitas vezes, como a preocupação fundamental dos alunos e dos professores, ocasionando uma luta cotidiana pela nota, e a práticas negativas como, as de copiar e de memorizar as matérias. Dessa forma a nota torna-se geradora de conflitos na relação professor-aluno, suscetível de afetar seriamente o processo de ensino-aprendizagem (LEMOS, 1999).

5.1 Tipos de avaliação

Segundo Bloom, Hastings e Madaus (apud Rosado e Silva), é possível relacionar a avaliação com a verificação de determinados objetivos educacionais pré-estabelecidos, considerando assim, três tipos de avaliação: a preparação inicial para a aprendizagem, a verificação de possíveis dificuldades encontradas por parte dos alunos durante esse processo e o controle sobre os objetivos propostos. Respectivamente, representam a avaliação diagnóstica, a avaliação formativa e a avaliação somativa.

5.1.1 Avaliação diagnóstica

Uma das etapas da avaliação diagnóstica é a avaliação inicial. Esta perspectiva pretende averiguar se os alunos possuem os conhecimentos e aptidões para poderem iniciar novas aprendizagens. Permite identificar problemas, no início de novas aprendizagens, servindo de base para decisões posteriores, através de uma adequação do ensino às características dos alunos. É importante salientar a diferenciação do conceito de pré-requisito do conceito de *aprendizagem anterior*; um pré-requisito é uma aprendizagem anterior requerida e *imprescindível* para a nova aprendizagem.

A avaliação diagnóstica pode realizar-se no início do ano (muitas vezes sob a forma de um período de avaliação inicial), no início de uma unidade de ensino ou sempre que se pretende introduzir uma nova aprendizagem e se achar prudente proceder a uma avaliação desse tipo.

Podemos considerar que dependendo dos momentos em que a avaliação se realiza no interior do processo de ensino-aprendizagem, é possível falar de avaliação inicial, de avaliações intercalares e de avaliação final.

5.1.2 Avaliação formativa

A avaliação formativa deve perceber os avanços na aprendizagem e possibilitar ao aluno conhecer o seu progresso. Del Moral e Fernánádez (apud UDESC 2004, p.78) citam os elementos que podem nortear a ação dos educadores nesta modalidade avaliativa:

1. Construir instrumentos para obter informações
2. Processar e analisar os dados para fazer o diagnóstico
3. Compartilhar os objetivos que precisam ser alcançados
4. Socializar com os alunos os aspectos que precisam ser avaliados
5. Analisar registros de suas ações
6. Intervir para melhorar a aprendizagem

Esta modalidade de avaliação deve acompanhar permanentemente o processo de ensino-aprendizagem. Trigo (2007) nos esclarece quanto aos objetivos desta avaliação: *“é contínua pois se realiza ao longo de todo o processo educacional e tem como finalidade permitir o acompanhamento e análise dos pontos fracos e fortes desse processo, para que se possa aperfeiçoá-lo ao longo do processo.”* Esta avaliação está centrada no aluno, dá atenção à sua

motivação, seu esforço, à sua forma de abordar as tarefas e às estratégias de resolução de problemas que utiliza. O *feedback* que é fornecido ao aluno contribui para o melhoramento da sua motivação e auto-estima.

O *feedback*, na opinião de Bloom, Hastings e Madaus (apud Rosado e Silva), é a própria essência da avaliação formativa. Este *feed-back* dinamiza a aprendizagem porque fornece informações relativa a objetivos pedagógicos específicos na medida em que identifica problemas de aprendizagem. É transparente, pois o aluno sabe, tem conhecimento do que se espera dele, e é individualizado porque respeita o ritmo de aprendizagem de cada um.

A avaliação formativa visa, dessa forma, regular o processo de ensino-aprendizagem, detectando e identificando metodologias de ensino mal adaptadas ou dificuldades de aprendizagem dos alunos

5.1.3 Avaliação somativa

A avaliação somativa é utilizada para avaliar as ações dos alunos, dos professores e da própria instituição. Consiste na verificação do desempenho dos alunos, do currículo e da gestão escolar. Pode também prestar a classificação, porque avalia ao final da unidade, considerando os níveis de aproveitamento, porém, não se esgota nela, nem se confunde com esta. Podendo existir avaliação somativa sem classificação. Esse tipo de avaliação pode traduzir de forma quantificada, a distância existente entre uma meta que se pretende atingir e os resultados obtidos. Refere-se às informações no final do período e está relacionada com os processos de interação e comunicação entre os distintos agentes implicados no processo de formação.

5.2 A prática avaliativa conservadora

Na avaliação pautada na tendência pedagógica tradicional o professor assume uma postura autoritária, ele é o dono do saber, os alunos são submissos a ele, considerando a aprendizagem um fim em si mesmo. A avaliação, nesse sentido, serve para medir, testar os alunos através de notas ou conceitos e não dos conhecimentos que ele adquiriu. A prática de muitos professores tem sido comparar os alunos uns com os outros.

Neste sentido a palavra avaliar está relacionada a cumprimento, bem como palavra testar traz implícito o significado de experimentar. Segundo Charlot (2000, p 47), “*O que medimos deve ser invariavelmente expresso em escalas ou graus numéricos*”.

Conforme Hoffmann (apud UDESC 2004 p. 50): “*Curiosamente, a arbitrariedade desse procedimento parece ser resultante de uma necessidade do professor colecionar dados precisos do aluno, sem dar conta de que a imprecisão e a injustiça ocorrem juntamente devido ao uso equivocado da medida em educação*”.

Ainda existem professores que utilizam à premissa de que o aluno aprende quando repete, tendo a convicção, que a repetição ajudará o aluno, construção do conhecimento com mais rapidez.

Conforme enfatiza Vasconcellos (1998, p.48).

A avaliação de cunho decorativo, onde o professor faz questões para ouvir exatamente o que disse em sala, o que está escrito no livro ou na apostila, tem também uma longa tradição pedagógica, levando a uma profunda distorção da prática de estudo, pois o aluno ao invés de se envolver com a efetiva aprendizagem, passa a ficar preocupado em memorizar para poder “devolver” na prova. Levando a mera repetição e não a criação.

O maior problema que se verifica ao realizar provas, enquanto instrumento de avaliação, é romper com o processo de ensino-aprendizagem, dando ênfase somente para a nota, servindo-se apenas para classificar o aluno.

O professor é visto como o dono do saber e o aluno só podem receber informações do professor, sem questionar.

O conceito também assumiu significado de medida, na escola, quando passa a fazer parte dos regimentos escolares, com a intenção de utilizar os resultados (em pontos) alcançados em provas. Excluindo o processo de aprendizagem e os aspectos afetivos e psicomotores ao lado dos aspectos cognitivos. Portanto, este tipo de avaliação contribui para a evasão e submissão dos alunos.

5.3 A prática avaliativa transformadora

Nas tendências pedagógicas críticas, progressistas, transformadoras, a educação está voltada para o desenvolvimento da consciência crítica e para a emancipação dos sujeitos envolvidos. A relação professor/aluno assume uma forma democrática, dialogada, de troca e reciprocidade.

Nesta concepção a avaliação é reflexiva, investigativa, contínua, participativa e negociada. Predominando aspectos qualitativos sobre os quantitativos, havendo preocupação essencialmente com a constatação da qualidade do processo ensino aprendizagem. Sendo um instrumento fundamental para fornecer informações sobre como está se realizando o processo de ensino-aprendizagem, para o professor e para a equipe da escola conhecer e analisar os resultados desenvolvidos, como para o aluno verificar o seu desempenho.

Vasconcellos (1998, p.74) é enfático a afirmar a finalidade de uma avaliação transformadora,

Seus resultados constituam parte de um diagnóstico e que, a partir dessa análise da realidade, sejam tomadas decisões sobre o que fazer para superar problemas constatados: perceber a necessidade do aluno e intervir na realidade para ajudar a superá-la.

Canem (1999, p 101) refere-se especificamente sobre a função da avaliação na EJA,

A avaliação visará detectar em que medida os padrões culturais, as expectativas, as visões de mundo e os saberes dos quais os alunos são portadores estão sendo levados em consideração na construção do conhecimento. Em outras palavras: utilizando-se de diversos instrumentos, educadores de jovens e adultos irão detectar pontos positivos e dificuldades a enfrentar para que o diálogo entre saberes escolar e saberes do aluno se concretize.

Freitas (apud, ROSADO e SILVA 1995) afirma que, “é possível comparar a avaliação à um sistema de comunicação, porque esta ocorre através de um processo sistemático de coleta de informações entre professores e alunos”. Podemos constatar nessas citações que o processo de avaliação deve contribuir para a eficácia do ensino, uma vez que ocorre a verificação de determinados objetivos, permitindo uma modificação estratégica na tomada de decisão frente à prática pedagógica. Permite, assim, orientar e reorientar as decisões necessárias ao bom funcionamento da escola.

A avaliação é o elemento integrador entre a aprendizagem e o ensino, se não há aprendizagem esperada, certamente o ensino não cumpriu sua finalidade. Ela permite ajustar o modo de trabalhar para que o aluno aprenda da melhor forma possível e possibilita obter informações sobre o que foi aprendido e como isso ocorreu. É, portanto, uma reflexão contínua da prática em sala de aula, ajudando na tomada de consciência do quanto professores e alunos estão avançando, quais as dificuldades e possibilidades, dando oportunidade para criar novos meios de trabalhos e retomar os aspectos para uma revisão, ajustando o processo de aprendizagem.

A face mais visível da prática avaliativa é a sua função pedagógica, na qual se cruzam quatro dimensões indicadas por Pacheco (1995). Uma delas é a dimensão pessoal que estimula o sucesso dos alunos, outra é a dimensão didática, a qual permite realizar diagnósticos, o melhoramento e a verificação dos resultados da avaliação. Existe ainda a dimensão curricular que envolve a possibilidade de adaptações curriculares, contribuindo com as necessidades dos alunos e por último, a dimensão educativa, pautada em avaliar a qualidade da educação ofertada.

O processo avaliativo nessa perspectiva se destina a acompanhar entender e favorecer o contínuo avanço do aluno. Com isso o aluno formula e reformula hipóteses, não representando ponto de chegada, mas a ponte para o conhecimento. O professor deve ser confiante nas possibilidades do aluno, sem que isso o torne passivo diante do aluno. Confiar e valorizar significa contribuir para o todo o desenvolvimento do aluno.

É preciso a conscientização dos educadores sobre o verdadeiro significado de sua prática educativa, refletindo, avaliando e analisando sobre as atitudes dos alunos e sua própria atitude como docente.

Uma avaliação que considera as produções realizadas pelos alunos e as observações a respeito de cada um e da classe como um todo; comentários sobre atividades que deram bons resultados e sobre outras, menos produtivas; a avaliação que reconhece que o processo de ensino é interativo significa a real possibilidade de reorientá-lo, em busca do objetivo maior: formar cidadãos.

O educador, ao utilizar a avaliação como um recurso para o aluno verificar seu crescimento, estará levando o educando a se transformar em um agente crítico atuante capaz de avaliar as contribuições feitas pelos outros, estará oportunizando ao educando conhecimentos

significativos para soluções dos problemas; estará oferecendo condições para ser criativo e livre; além de capaz em suas iniciativas e responsável por suas ações.

É importante ter clareza de que esse procedimento jamais deve ter caráter depreciativo, em que se apontem os erros do educando como resultado de seu fracasso ou de sua incapacidade. Ao contrário do que se pensa, o erro do aluno deve ser corrigido sim, porém a correção deve caracterizar uma situação de aprendizagem e não de condenação.

De acordo com Luckesi (1998, p. 57):

Os erros da aprendizagem, que emergem a partir de um padrão de conduta cognitivo ou prático já estabelecido pela ciência ou pela tecnologia, servem positivamente de ponto de partida para o avanço, na medida em que são identificados e compreendidos, e sua compreensão é o passo fundamental para a sua superação. Há que se observar que o erro, como manifestação de uma conduta não aprendida, decorre do fato de que há um padrão já produzido e ordenado que dê direção do avanço da aprendizagem do aluno e do desvio, possibilitando a sua correção inteligente.

5.3.1 Quando e como avaliar

A avaliação é um dos elementos do processo de ensino aprendizagem. Ela deve ser dinâmica, participativa, sistemática e objetiva. Deve ser entendida como um processo que está antes, no decorrer e depois do fazer pedagógico.

A avaliação deve acontecer de forma contínua e sistemática durante todo o ano letivo e as estratégias utilizadas para avaliar a aprendizagem dos alunos devem ser variadas e aplicadas em vários momentos no processo educativo. Com a avaliação, as respostas vão sendo obtidas no decorrer do processo de ensino aprendizagem, as quais devem ser confrontadas com os objetivos que foram propostos no planejamento, constatando deficiências e avanços.

Para fazer uma avaliação contínua, o professor deverá observar permanentemente seus alunos no dia-a-dia, assim terá condições de perceber e avaliar interesse e a comunicação dele com os colegas. Esse acompanhamento das atividades, no dia-a-dia dos alunos, é muito valioso, especialmente nas aulas que dão oportunidade de participação, nas quais o aluno pergunta, emite opinião levanta hipóteses, constrói novos conceitos e busca novas informações. Além disso, é possível observar nas atitudes dos alunos a responsabilidade, a cooperação, a organização e outros modos de agir.

Esse processo contínuo serve para constatar o que está sendo construído e assimilado pelo aluno e o que está em vias de construção. Avaliando dessa forma, o professor pode identificar dificuldades para que sejam programadas atividades diversificadas.

Conforme enfatiza Vasconcellos (1998, p 51),

Quanto a interpretação de que a avaliação processual implicaria em não ter mais instrumentos de verificação, entendemos que, pelo contrário, trata-se do resgate do sentido da avaliação no processo educativo e conseqüentemente, do sentido do trabalho escolar. O professor e o aluno precisam ter elementos, objetivos, explícitos para julgarem a caminhada, o desenvolvimento. Portanto, consideramos fundamental a elaboração, a produção do aluno, entendemos, no entanto que essa avaliação pode ser feita com base nessa produção cotidiana do aluno e não em momentos “especiais” que a artificializam.

Para o autor a expressão da síntese do conhecimento não pode acontecer apenas em alguns momentos, de forma ocasional, desta forma o professor não tem como ajudar o aluno quando ele precisa: as dúvidas se acumulam, comprometendo a aprendizagem.

É importante que a avaliação seja integral, analisando todas as dimensões do comportamento: a globalidade de capacidade, as competências e as habilidades. Além dos elementos cognitivos, devem ser avaliados os aspectos afetivos e psicomotores.

Ao se avaliar o desempenho global do aluno, é preciso considerar os dados obtidos continuamente pelo professor a partir de observações que levem em conta os aspectos citados anteriormente e outros que possam traduzir seu aproveitamento.

A avaliação deve incluir, conteúdos, objetivos de ensino, métodos e práticas pedagógicas, desempenhos de professores e alunos. Segundo Esteban (2003, p.25):

A avaliação como prática de investigação pressupõe a interrogação constante e se revela um instrumento importante para professores e professoras comprometidos com uma escola democrática. Compromisso esse que os coloca freqüentemente diante de dilemas e exige que se tornem cada dia mais capaz de investigar sua própria prática para formular “respostas possíveis” aos problemas urgentes, entendendo que sempre podem ser aperfeiçoadas.

A avaliação deve propiciar ao aluno conhecer-se a si mesmo e buscar uma nova aprendizagem. Servindo para verificar o que ele alcançou dificuldades encontradas e as possibilidades para reorganizar sua tarefa de aprender.

A auto-avaliação poderá ajudar o professor, pois, dá ao aluno a oportunidade de diagnosticar seu próprio desempenho, reconhecendo acertos e dificuldades, fazendo reflexões com a ajuda do professor. Pode ser feita oralmente ou por escrito ou em grupos em alguns momentos.

Isso nos lembra o alerta feito por Hoffmann (1996, p.79):

Para o aluno auto-avaliação é altamente favorável o desafio do professor, provocando-o a refletir sobre o que está fazendo, retornar passo a passo seus processos, tomar consciência das estratégias de pensamento utilizadas. Mas não é tarefa simples. Para tal, ele precisará ajustar suas perguntas e desafios as possibilidades de cada um, as etapas do processo em que se encontra, priorizando uns e outros aspectos, decidindo sobre o que, como e quando falar, refletindo sobre o seu papel frente à vulnerabilidade do aprendiz. Nesse sentido, o caráter intuitivo e ético do educador faz-se fortemente presente, porque ele precisará promover tal reflexão a partir do papel que lhe cumpre e da forma de relacionamento que deseja estabelecer com seus alunos.

De acordo com Hoffmann (1996, p.205). “Se avaliar significa: acompanhar a construção do conhecimento, não há como acompanhar vários alunos, ao mesmo tempo, sem registros diários contínuos, articulados em tempos e significados.” Outros recursos de avaliação contínua poderão ser: provas, testes, desafios, jogos, trabalhos em grupos que com frequência possibilitem ao aluno perceber a avaliação como um aspecto natural de aprendizagem.

A avaliação deve verificar o crescimento de cada aluno, considerando capacidades e potencialidades. Ela deve permitir a troca de experiências, a elaboração do conhecimento e não a concordância.

Nesse sentido, deve contemplar atividades que permitem a sua prática por meio de trabalhos individuais e em parceria; leitura, interpretação e redação de textos, pesquisa em variadas fontes históricas, dramatizações, jogos educativos entre outros.

CAPÍTULO II

6 AS DIRETRIZES DA EJA/PMF

No seu Projeto Político Pedagógico do ano de 2006, a instituição (Núcleo de Educação do Centro – EJA da Prefeitura Municipal de Florianópolis), é enfática ao afirmar seu comprometimento com “ *todos os instrumentos legais vigentes que se relate a EJA*” citando: as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei nº 9394/96 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos - Parecer 11/2000 da Câmara de Educação Básica do Ministério da Educação e respectiva Resolução. E afirma como objetivo geral, “*mediar ações educativas - Projetos de Pesquisas - em prol de um mundo cada vez mais justo para todos*”.

O projeto de pesquisa começa a partir do interesse dos alunos, mediado pelos professores, os alunos constroem a sua problemática, que nada mais é, do que uma pergunta que impulsionará todo o trabalho. Já no início do processo da pesquisa, começa-se a construir o que se chama mapa conceitual daquele trabalho e que só termina quando encerra a pesquisa, que necessita de aproximadamente dois meses de trabalho. Este mapa conceitual contempla tanto os conteúdos conceituais, quanto os procedimentais e atitudinais. Um aspecto muito interessante desse momento de construção do mapa conceitual é que a sua elaboração não está submetida a nenhuma das disciplinas. Ele está “descolado” de todas. A partir deste mapa percebe-se o delineamento do currículo da Educação de jovens e Adultos de Florianópolis.

No centro do mapa está o foco da pesquisa, ou seja, a problemática e por volta desse ponto central, todos os conteúdos conceitos, levando em conta as dimensões do conhecimento que envolve a problemática, como dimensões espaciais, temporais, sociológicas, filosóficas, artísticas, culturais, econômicas, entre outras. Logo que os conteúdos vão sendo trabalhados, as conexões são registradas no mapa, formando ao final, um grande emaranhado.

As palavras a seguir traduzem, nesse caso, a proposta curricular em questão:

Dessa forma, se tomarmos o mapa dos saberes como um imenso rizoma, um liame de fios e nós, sem começo e sem fim, teremos infinitas possibilidades de transitar entre eles, sem nenhum vestígio de hierarquia, e aí entra a transversalidade. Ela seria justamente a forma de trânsito por entre os saberes, estabelecendo cortes transversais que articulem vários campos, várias áreas. A transversalidade no sentido em que é

aqui trabalhada implica uma nova atitude dos saberes, tanto na sua produção quanto na sua comunicação e aprendizado. (OLIVEIRA, 2004)

O processo de certificação consta das seguintes fases: Solicitação do interessado; Verificação de pelo menos 600 (seiscentas) horas aulas presenciais, e 200 (duzentos) horas aulas não presenciais; Apresentação de pelo menos três trabalhos e de um relatório de aprendizagem; Reunião e discussão do interessado no conselho de classe sobre sua solicitação, relatórios e pareceres descritivos.

No que se refere à proposta de avaliação a ser utilizada, esta é genérica ao afirmar que “*a avaliação do processo educacional far-se-á de forma diagnóstica individual e/ou coletiva em vários momentos durante as diversas atividades educativas.*” Porém, ao consultarmos o caderno do estudante (documento/agenda elaborado pelo Departamento de Educação Continuada e distribuído a todos os núcleos da EJA/Prefeitura Municipal de Florianópolis como diretriz para o Projeto Político Pedagógico) estão apresentadas informações do funcionamento do curso, sendo mais específico quanto ao sistema de avaliação a ser utilizado:

A avaliação é feita para melhoria de todo o processo educacional. Quer dizer que ela é processual, permanente, dialógica e registrada de várias formas todos os dias (...) Avaliamos os trabalhos nos diários individuais; nos cadernos de turma; nas produções textuais; nas aulas e nos projetos; nas socializações parciais e finais dos trabalhos; nos pareceres descritivos do conselho de classe; nas auto avaliações; nas atas das assembleias deliberativas; reuniões e encontros pedagógicos; durante os assessoramentos dos professores nos pequenos grupos de pesquisa; em outros diversos instrumentos de avaliação criados conforme os interesses e necessidades.

O caderno cita ainda vários instrumentos e procedimentos utilizados no processo ensino - aprendizado. Relacionamos alguns:

1. Caderno de assessoramento de pesquisa – Cada projeto de pesquisa recebe um caderno de assessoramento da pesquisa. Serve para professores e alunos registrarem o processo de trabalho, os assessoramento e encaminhamentos dos professores, as dúvidas, os acontecimentos especiais, sínteses etc.
2. A pasta de projetos - Contém o caderno de assessoramento, o planejamento do projeto, seu cronograma, o roteiro de desenvolvimento da problemática (mapa conceitual), textos produzidos e ou traduzidos.
3. Diário do aluno – Cada aluno recebe um diário com o qual mantém diálogo todos os dias com os professores e que permanece sempre no espaço educativo. É entregue ao

aluno na sua chegada. Serve para registro de suas dúvidas, suas opiniões sobre as atividades etc. O professor também faz uso dele, principalmente colaborando com a aprendizagem e registrando transformações percebidas.

4. Diário de registro geral das atividades – Criado para que o professor registre as principais atividades do dia, número de alunos presentes, informações e observações importantes.
5. Controles de frequência e de horas efetivamente trabalhadas.
6. Portfólio da pesquisa – O portfólio é uma pasta que documenta as principais atividades realizadas pelo aluno, inclui o diário e produções próprias. Tem por objetivo servir de documentação e base para análise das produções durante o curso.
7. Socializações parciais e finais – Momentos de apresentação do andamento das pesquisas e do resultado final, além de ser um espaço em que os grupos preponderantemente se intercomunicam, interagem, trocam e constroem conhecimento.
8. Atendimento individualizado aos alunos – O atendimento individualizado é planejado com os professores e alunos e realizados antes e depois das atividades para ajudar aos alunos a superarem algumas dificuldades específicas.
9. Questionários de avaliação - Este questionário é respondido, estudado e debatido, a princípio, pelos alunos, professores e coordenador do Núcleo. O instrumento é aplicado sempre ao final de cada ciclo de pesquisa e objetiva perceber: às metas do Núcleo; os objetivos e opiniões dos alunos; às atividades com os projetos; os produtos finais e às apresentações dos projetos; o desenvolvimento de competências e às expectativas dos professores e coordenação.

6.1 O Diário do aluno

Em um documento intitulado, “Análise de trabalho na EJA 2006 – Múltiplas dimensões e seus elementos” e encaminhado ao núcleo pelo DEC (Departamento de Educação Continuada/PMF), o diário individual é posto como um dos pilares fundamentais na avaliação dos trabalhos desenvolvidos na EJA da Prefeitura Municipal de Florianópolis. E esboça detalhadamente formas de analisar este instrumento em diversas dimensões e elementos:

Quanto à forma –

É uma dimensão que possui elementos que podem ser observadas rapidamente, pelo visual e por detalhes com frequência das anotações por parte dos alunos e dos professores; anotações de vários professores e quantidade de linhas escritas por alunos e professores.

Quanto ao conteúdo –

É uma dimensão que necessita de mais tempo para a avaliação. São elementos qualitativos sobre o andamento do processo e a motivação, preocupações e opiniões dos alunos: Avaliação do dia; dúvidas de conhecimento; conhecimentos percebidos; diálogo entre professores e aluno; comentários gerais e sugestões.

Quanto ao processo –

É uma dimensão que lida com a organização do trabalho. São acordos e combinações realizadas pelo Núcleo que devem ser revistas em função dos resultados: Quantidade de tempo que o aluno fica com o diário para realizar as anotações; Quanto tempo os professores possuem para verificar e registrar nos diários; como se realizam as trocas a partir do que surge no diário; diálogo falado entre professores e alunos sobre os registros e diálogo falado entre professores e coordenação sobre os registros.

Estes apontamentos nos dão uma dimensão da importância dada para esse instrumento dentro do processo do trabalho desenvolvido.

Abaixo, nas opiniões dos professores², a utilização e importância dos diários individual:

*O uso do diário individual foi uma experiência muito positiva. Pude perceber claramente os avanços de cada aluno em vários aspectos, como a argumentação, a coerência das idéias, a criatividade e a sensibilidade nas falas espontâneas registradas dia a dia. Sem o diário individual talvez fosse muito difícil notar e detectar estes aspectos (...)*³.

Encontramos dentre várias, outra professora enfatizando o uso desse instrumento no processo ensino aprendizagem:

*Esse diário é um dos pontos principais da EJA – Prefeitura Municipal de Florianópolis. Com ele damos voz aos estudantes. Alunos que muitas vezes não falam em sala, não participam, ali desabafam suas angústias, idéias, elogios, colocando seus olhares sobre as aulas, os colegas e professores, enfim, toda a sua visão de mundo. Dessa forma ajudam o professor a auxiliá-los na evolução, tanto de seu conhecimento quanto a serem cidadãos mais dignos*⁴.

² Questionários de avaliação final dos professores consultados na nossa pesquisa.

³ Professora A. Questionário de Avaliação Final.

⁴ Professora B. Questionário de Avaliação Final.

Porém não é consenso entre os professores a forma de utilizá-lo, principalmente quanto a sua utilização diária pelos alunos, conforme segue: *“O fato de ser um registro diário, os alunos se restringem a escrever somente o que aconteceu de concreto naquele dia e não relatar o que ouve com ele depois de obter certos conhecimentos. Os registros nos diários deveriam ser semanais”*. Na mesma linha de opinião um 4º educador coloca, *“O diário individual acabou absorvendo 10 minutos das últimas aulas”*.⁵ Percebe-se nessas falas entendimentos distintos quanto a concepção do diário do aluno dentro da proposta pedagógica.

A mesma professora que na primeira citação colocava *“O uso do diário individual foi uma experiência muito positiva”*. Comunica ao aluno a forma com que deve fazer as anotações no diário,

*Faça um esforço para registrar as atividades que acontecem durante as aulas, os assuntos discutidos. Seus registros precisam dizer um pouco daquilo que acontece em sala de aula e também como você se sente, se está participando, compreendendo, se está com dificuldades, o ambiente em sala está tranquilo, se precisa melhorar. Conto com você. Um beijo.*⁶

Nessas palavras encontramos uma relação de proximidade aluno/professora, de incentivo e indagações ao aluno quanto aos seus relatos diários, instigando-o a reflexão. Mostrando a possibilidade desse instrumento avaliativo na interação entre os envolvidos no processo e na busca dos objetivos. Para isso, portanto, é necessário conhecer as necessidades de cada aluno, é o que nos coloca a professora na citação abaixo,

*A experiência como professora orientadora foi fantástica. Amei cada momento na pesquisa (...) aprendi a superar muitas dificuldades e buscarem alternativas (...) nunca havia permanecido tanto tempo envolvida de forma direta com cada aluno, o que me permitiu conhecê-los melhor, respeitá-los muito mais, reconhecê-los como parte integrante da minha história de vida. Foi um percurso de aprendizado mútuo (...)*⁶.

A função da utilização do diário individual enquanto instrumento de auto avaliação também é uma possibilidade na fala do aluno: *“Bom, olhando e observando cada página do meu diário é incrível o aperfeiçoamento que estou obtendo através das leituras, dos trabalhos em equipe, estou super satisfeito”*.⁷ Dessa forma este instrumento possibilita ao professor a

⁵ Professor C. Questionário de Avaliação Final.

⁶ Professora A. Diário individual do aluno O. M. T.

⁷ Aluno O. S. Diário individual.

compreensão do processo em que o aluno se encontra, bem como ao aluno a refletir sobre o que está fazendo, retornar passo a passo seus processos, tomando consciência do seu aprendizado. Além de possibilitar conhecer melhor seus problemas, “*eu tinha e tenho familiares com diabetes, mas não conhecia os detalhes(...)*”⁸ e cotidiano, “*Na Terça feira não consegui vir pra aula, trabalhei o dia todo com o calçado molhado e acabou dando umas dores fortes nas minhas pernas*”.⁹

As competências e habilidades exigidas no decorrer do processo acabam permeando os relatos dos alunos nos materiais consultados. Como o comentário do aluno abaixo:

*Cada matéria ou assunto relacionado ao meu trabalho ficava ansioso para ler em busca de respostas. Muitas vezes eu procurava a biblioteca da UFSC que fica próximo a minha casa e passava a tarde toda lá dentro lendo e selecionando matérias e textos relacionados ao sentimento humano.*¹⁰

Constatamos nessa fala, uma outra relação do aluno com o conhecimento quando colocado em uma situação problema, “*ficava ansioso para ler em busca de respostas. Muitas vezes eu procurava a biblioteca*”. A habilidade de saber buscar informações, selecioná-la e sistematizá-la, demonstra que o aluno desenvolveu a capacidade de “aprender a aprender”, ou seja, a capacidade da auto aprendizagem.

Essa prática acaba por promover a autonomia e o envolvimento dos alunos em suas tarefas, ampliando seu senso crítico. Percebido na citação abaixo:

*(...) a gente nunca sabe tudo, e com a pesquisa mais a fundo chegamos a conclusão que não basta apenas ler, é preciso entender o que cada tema apresentado mostra. Que quando temos a oportunidade de saber alguma coisa que procurávamos a resposta e encontramos é ótimo.*¹¹

Nessas auto avaliações, percebe-se o envolvimento dos alunos e o quanto significa para eles a consciência sobre o que sabem e o que precisam aprender. Também transparece nas falas, o entusiasmo ao encontrar respostas após o caminho percorrido.

⁸ Aluna R. R. M. Diário individual.

⁹ Aluna R.Z. Diário individual.

¹⁰ Aluno O. M. Trecho da conclusão da pesquisa: Por que os seres humanos têm sentimentos?

¹¹ Aluno J. L.C. Diário individual.

Avaliar não é verificar a reprodução de cópia, mas fornecer condições para que o aluno crie algo novo; deve ser o momento de descoberta, de questionamentos, de problematização daquilo que foi aprendido.

Hoje consegui tirar algumas dúvidas sobre a minha pesquisa, todos falam a mesma coisa, que eu tenho pressa para terminar a minha pesquisa, mas é verdade, eu sou muito apressada, sou muito ansiosa, gosto de pegar e já terminar, é o hábito de fazer tudo correndo, mas coisa que eu consigo fazer sobre a pesquisa parece que já estou chegando ao fim, é que eu gosto que renda tudo que eu faço. (...) ¹²

Na fala da aluna a reflexão permitiu que esta percebesse um erro “*de fazer tudo correndo*”, Mas de aprender dentro do processo, respeitando seu próprio tempo de aprendizagem.

A fala a seguir mostra a interferência da professora no processo da pesquisa, quando problematiza a escolha da aluna com relação a sua pesquisa, instigando-a a refletir sobre suas necessidades e projetos futuros.

Hoje a professora me ajudou um pouco com a minha pesquisa. (...) ela me perguntou algumas coisas. (...) eu respondi que tem coisas que eu não sei e quero chegar numa faculdade de enfermagem, por isso que eu acho que minha pesquisa sobre transplantes de medula óssea, vai me ajudar bastante, até aprendi sobre sangue. (...) ¹³

Nesse caso a interferência da professora foi fundamental no processo de pesquisa da aluna, estabelecendo assim a aprendizagem a partir do interesse da aluna e se posicionando como mediadora entre aluna/conhecimento.

Porém, nem todos os professores estavam seguros sobre sua prática e os desafios de uma proposta pedagógica “diferente”, “*No primeiro instante fiquei um pouco assustada, porque o sistema da EJA é diferente, é uma novidade para mim*” ¹⁴ é sintomático nesse relato que a formação universitária dos professores/as ainda é pautada em concepções e práticas tradicionais.

Sinaliza a professora sobre a necessidade de uma formação no início do processo, “*Tive certa experiência como orientador e senti dificuldade, por não ter sido esclarecido de como funcionava o método de pesquisa. Aprendi com o tempo e auxílio, consegui desenvolver meu trabalho, apesar das dificuldades estruturais (...)*”. ¹⁵

¹² Aluna K. R. Diário individual.

¹³ Aluna M. H. Diário individual.

¹⁴ Professora E. Questionário de Avaliação Final.

¹⁵ Professor F. Questionário de Avaliação Final.

Uma formação permanente destaca-se como uma das mais importantes políticas públicas para a educação e especificamente dentro da proposta pedagógica analisada são fundamentais para se atingir os objetivos da instituição.

*Investir mais nas capacitações dos professores orientadores antes de assumir as turmas. Garantir que esta capacitação ofereça subsídios teóricos e apresente exemplos da prática pedagógica com pesquisa, como o uso dos instrumentos de avaliação (...), pois os professores precisam estar em sintonia com a proposta da EJA de Florianópolis.*¹⁶

Para se evitar a situação posta pela professora na sequência da sua colocação,

*É deprimente observar nas primeiras semanas de aula posturas inseguras, descrentes e apáticas de alguns professores frente aos alunos pelo fato de não saberem lidar com a proposta pedagógica.*¹⁷

Busca-se neste sentido, a conscientização dos professores do processo sócio-político-cultural que juntamente com a escola almeja formar indivíduos conscientes, críticos e capazes de uma transformação social.

Uma professora nos esclarece algumas dificuldades de infra-estrutura ocorridas durante o ano, “As maiores dificuldades foram o acesso dos alunos à internet, à biblioteca e aos meios de comunicações para encontrar subsídios para completar as pesquisas.”¹⁸ Os professores, conhecendo as condições objetivas com as quais trabalham, são fundamentais no processo da avaliação da instituição, que deve ter como finalidade a melhoria da qualidade dos serviços prestados. As idéias que propulsionam um novo saber, uma nova prática defrontam-se na maioria das vezes com a falta de infra-estrutura, um problema genérico no sistema educacional brasileiro, neste caso o “novo” estará sempre alicerçado/amarrado/dependente dos recursos públicos para as melhorias inerentes a uma educação de qualidade. Outra dificuldade sinalizada nos questionários de avaliação é falta de um corpo docente permanente na escola: “As intervenções nas pesquisas foram limitadas no início, pois o quadro docente só se estabilizou no final de abril”¹⁹ Pois os professores são contratados temporariamente a cada ano.

¹⁶ Professora A. Questionário de avaliação final.

¹⁷ Professora A. Questionário de avaliação final.

¹⁸ Professor F. Questionário de avaliação final.

¹⁹ Professor C. Questionário de avaliação final.

Outros desafios também são postos ao debate, “o maior problema que eu vejo na EJA, são os adolescentes que não querem estudar junto com adultos que estão há muito tempo fora da escola e que querem prestar atenção e não conseguem por causa do barulho” ²⁰. Outro comentário, “acho que tinha que ter mais rigor com os adolescentes que só incomodam isso atrapalha quem quer estudar. Só chamar a mãe não adianta nada, só gritar também não. Tem que achar uma solução” ²¹.

É claro que há generalizações, nem todo o adolescente “não quer estudar”, porém esta reclamação é pertinente, pois aparece em muitas das “falas” dos alunos tanto nos diários como na avaliação final. Porém, o cerne da questão é como lidar com esta situação de que pessoas com diferentes faixas etárias e com interesses diversos e às vezes divergentes, produzam um ambiente de respeito e busca de conhecimento?

6.2 As socializações

As socializações acontecem no decorrer das pesquisas. As socializações parciais possibilitam as apresentações pelos grupos do andamento de seus trabalhos e as socializações finais a conclusão da pesquisa.

Dar voz aos alunos é uma necessidade urgente para a formação de uma subjetividade autônoma, este constrói seu próprio desenvolvimento na sua relação com os outros, “Nas socializações os alunos se superam, é um momento dinâmico, rico e importante para a troca de idéias e respeito. Há um ganho muito grande na oratória dos alunos (...) o fato do aluno expor suas idéias mostra seu trabalho” ²².

Na fala de uma professora sobre essa dinâmica para a avaliação, percebe-se os avanços do processo de cada aluno,

Outro ponto alto do processo se dá quando ocorrem as socializações em sala. Eles iniciam tímidos, inseguros, até mesmo aborrecidos. Com o tempo soltam-se e revelam muito que aprenderam, se superando, buscando o conhecimento, expondo suas idéias, sentimentos e críticas, sendo capazes de vencerem seus medos e frustrações e afirmarem a autoconfiança (...). ²³

²⁰ Aluno V. P Avaliação Final.

²¹ Aluno E. F. Avaliação final.

²² Professor G. Avaliação final.

²³ Professora A. Avaliação do 1º ciclo de pesquisa.

Por meio da observação, nas socializações, o professor tem condições de saber como seus alunos pensam, interagem e aprendem, tendo pistas do que não estão compreendendo e pode interferir e ajudar em suas aprendizagens. No relato da professora fica evidente que as socializações são parte fundamental utilizada na observação, mas que acompanha um processo anterior de trabalhos em grupos nas atividades de pesquisa. Portanto, esse instrumento avaliativo, permite ao professor obter informações sobre as habilidades cognitivas, as atitudes e os procedimentos dos alunos. Não fica claro, porém, se os professores utilizam o Diário de registro geral das atividades para a organização dessas observações.

Outra Professora, *“Acredito que todas as socializações são importantes, pois todos os alunos passam a tomar conhecimento de assuntos que não lhes eram conhecidos”*²⁴. Referindo-se aqui as apresentações e interações entre os diversos grupos sobre as pesquisas que ocorrem simultaneamente em sala.

O processo de cada aluno com relação a se expor nas socializações transparece nos diários individuais, como o caso da aluna que no início do curso relatava em seu diário, *“Estou me desenvolvendo aos poucos, tenho medo de falar (...)”*²⁵. Já na metade do curso a mesma aluna assim se manifestava, *“Antes eu tinha vergonha de ler em frente dos colegas. Hoje eu não me importo mais.”*²⁶.

Mudanças de atitude e a capacidade de se relacionar com os outros são competências desenvolvida em sala de aula, *“os professores contribuíram para me ajudar a ler e relacionar-me com os amigos, eu era muita envergonhada. Hoje eu falo(...)”*²⁷. E acabam por extrapolar o ambiente escolar, ocasionando mudanças na própria vida,

Hoje apresentei para a turma o meu trabalho manuscrito, aprendi bastante com essa pesquisa não só com a minha, mas com as outras também. Achei bem interessante este tipo de aula. Assim no lugar de provas, trabalhos, uma pesquisa vai mais longe ao conhecimento, eu, por exemplo, não era muita de ler jornais, revistas, televisão. Essa forma de trabalho mudou muito o meu ritmo de vida, a pessoa se torna mais envolvida com as coisas que acontecem no mundo (...).

²⁴ Professor G. Avaliação final.

²⁵ Aluna J. I. Diário individual.

²⁶ Aluna J. I. Diário individual.

²⁷ Aluna E. C. Avaliação do 1º ciclo de pesquisa.

Alunava K. R. Diário individual.

A ação que leva a transformação, *“Eu gostei da apresentação, eu queria falar mais, mas fiquei com vergonha”*²⁸. O querer falar mais pressupõe uma vontade, um desejo em potencial. Stirner (apud Sá, 2000) nos provoca a reflexão acerca de uma nova relação com o conhecimento, *“quem conhece com vontade, não reconhece, por exemplo, a liberdade, libera-se”*.

Nos questionário, as respostas dos alunos quando questionados sobre o que mais marcou o seu aprendizado naquele período foram, *“primeiro aprendi a trabalhar em conjunto, aceitar opinião das outras pessoas, do grupo, pesquisar na internet, revistas, jornais...”*.²⁹ Outras colocações, *“saber trabalhar em grupo, fazer resumo de texto, falar em público e ler bastante”*.

É importante ressaltar aqui que das respostas dadas nos questionários consultados, à maioria dos alunos se refere à descoberta de conhecimentos referentes às pesquisas, porém uma parcela significativa das respostas sinaliza mudanças de atitudes e valores.

²⁸ Aluna E.S.C. Avaliação do 1º ciclo de pesquisa.

²⁹ Aluno P. C. Avaliação do 1º ciclo de pesquisa.

CONCLUSÃO

“Acredito que só de estar em sala de aula novamente já é um desafio (...)”

J.L.C. Aluno EJA/PMF

A perspectiva da avaliação da EJA/ Prefeitura Municipal de Florianópolis apresentada neste trabalho, foi compreendida como um processo permanente ao longo dos trabalhos desenvolvidos. E está coerente com o Projeto Político Pedagógico a qual se propõe o núcleo.

Procuramos considerar os pontos mais importantes da proposta avaliativa, pois o Núcleo utiliza vários instrumentos de avaliação que estão inseridos na prática pedagógica proposta, possibilitando múltiplos olhares.

O diário individual é o instrumento mais utilizado no acompanhamento de cada aluno. Observamos uma avaliação contínua, na qual a relação professor/aluno está pautada no diálogo, centrado em um modelo avaliativo orientador e pensada dentro do processo ensino – aprendizagem. Percebemos também um vínculo afetivo entre aluno/professor.

Os registros dos alunos nos cadernos e a reflexão constante do processo da pesquisa é um instrumento singular na forma de “qualidade” do aprender e demonstrar suas aprendizagens. Os erros e necessidades dos alunos são na maioria das vezes percebidas pelo professor, que estuda a maneira de saná-las.

Porém, percebemos dificuldades de alguns professores em responder o diário individual, e dos próprios educandos no tocante a produção textual, e até mesmo no entendimento da proposta, visto que alguns reclamam de não haver provas e notas.

Nas socializações os grupos interagindo com outros grupos de estudos é um fato considerado fundamental neste processo de trabalho coletivo.

A análise dos materiais disponibilizados nos impulsionaram a pensar que a avaliação é entendida como um conjunto de atuações que tem a função de alimentar, sustentar e orientar a intervenção pedagógica.

Este trabalho possibilitou uma análise de uma prática, de uma experiência que se pretende diferenciar. A princípio queríamos nos ater à análise de alguns instrumentos de avaliação, de mostrar como estes possibilitam avaliar o processo ensino aprendizagem. Porém, para isso, acabamos por adentrar também em uma avaliação do próprio sistema de educação implementado na EJA/PMF, que nas falas de professores/as e alunos/as constatamos avanços, mas também desafios. Como por exemplo, a troca de 70% de professores todos os anos um função da

contratação temporária. Essa mudança contínua a cada ano do corpo docente desmobiliza um trabalho que almeja um processo contínuo de formação.

Uma análise detalhada sobre avaliação em todos seus aspectos é mais ampla do que a que nos propusemos a fazer nesse trabalho. Ficamos apenas em um olhar, um recorte das dimensões relacionadas a avaliações. Com relação aos objetivos da instituição, na análise qualitativa dos dados disponibilizados observaram-se indicadores para atingi-los. Trabalhamos com uma amostragem pequena em relação à quantidade de jovens e adultos que finalizaram o curso, sem contar os que circularam no núcleo e por vários fatores não permaneceram. Não nos propusemos a analisar dados quantitativos referentes a desistências de alunos e motivos, alunos certificados e não certificados ao final do processo, etc, que permitiria uma análise estatística. Temos clareza que o trabalho não se encerra aqui.

Finalmente, temos convicção de que a tarefa que nós professores, gestores e demais profissionais da educação temos em mãos, é da mais profunda complexidade. Sabemos que temos muitos paradigmas educacionais a serem quebrados, também, que as reflexões e possibilidades apresentadas faz-nos repensar a aplicação das concepções e práticas de avaliação do processo ensino-aprendizagem, principalmente ao que se refere à Educação de Jovens e Adultos no Brasil. Levando em conta as especificidades, as potencialidades, os saberes, os limites e as possibilidades dos sujeitos/EJA, há um grande desafio a ser enfrentado por todos.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** - Lei 4.024/61, Lei 5.692/71, Lei 9.394/96.

_____. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO.(2000).**Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos**. Brasília.

CALHAU, Maria Socorro Martins. **Planejamento e Avaliação**. In: Salto para o Futuro – Educação de jovens e adultos / Secretária da Educação, SEED, 1999.

CANEN, Ana. **Desmistificando a avaliação**. In: Salto para o Futuro – Educação de jovens e adultos / Secretária da Educação, SEED, 1999.

CHARLOT, Bernard. **A mistificação pedagógica: Realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação**.Rio de Janeiro.Zahar,1983.

ESTEBAN, Maria Tereza. **Avaliação: Uma prática em busca de novos sentidos**. 4º.Ed.Rio de Janeiro:[s.n.], 2003. (coleção sentido da escola).

GADOTTI, M. **Uma escola para todos os caminhos da autonomia escolar**. Petropolis: Vozes,1997.

GIMENO Sacristán, José. **El curriculum: una reflexión sobre la práctica**. 2º.Ed. Madrid: Morata, 1989. 432p.

LEMONS, Marlene Emília Pinheiro de. **Proposta Curricular**. In, **Salto para o Futuro – Educação de jovens e adultos** / Secretária da Educação, SEED, 1999.

LUCKESI, Cipriano. **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo, Cortez, 1998, 7ª edição.

OLIVEIRA, Gilvan M. **Interesse Pesquisa e Ensino: Uma equação para a educação escolar no Brasil. Prelo** – Gráfica e editora Ltda. Florianópolis, 2004.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Jovens e Adultos como sujeitos do conhecimento e Aprendizagem**. Revista Brasileira de Educação ANPED set.out/nov/dez 1999, n 12.

MESZAROS, I. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência a regulação das aprendizagens entre duas lógicas**. Porto Alegre:1999.

ROSADO, Antônio e SILVA, Catarina. Artigo: **Conceitos básicos sobre avaliação das aprendizagens**. “on line”. www.educabrasil.com.br- Acesso em Maio de 2007

SÁ, Raquel Stela de. Introdução. In: BELTRÃO, Ierecê, R. **Corpos dóceis, mentes vazias, corações frios**. São Paulo: Imaginário, 2000.

SECAD, Coleção de cadernos do. Trabalhando com a Educação de Jovens e Adultos. Caderno 4, **Avaliação e Planejamento**. Brasília, 2006. “on line”, www.mec.gov.br- Acesso em Maio de 2007

TRIGO, Maria Cândida Lacerda Muniz. **Avaliação Educacional**, 2007. “On line”, WWW.TVEBRASIL.COM.BR/SALTO.

UDESC. Caderno Pedagógico de **Planejamento e Avaliação Educacional**. Florianópolis, 2004.

VASCONCELOS, C. DOS S. **Avaliação; concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar**. São Paulo: Libertat, 1994.

ANEXOS

• **COMPETENCIAS TRABALHADAS NO CURSO DE EJA DA PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS**

- a) Saber localizar, acessar e usar melhor a informação acumulada;
- b) Saber receber criticamente os meios de comunicação;
- c) Saber compreender seu entorno social e atuar sobre ele;
- d) Saber identificar, avaliar e valorizar suas possibilidades, seus direitos, seus deveres, seus limites e suas necessidades;
- e) Saber formar e conduzir projetos e desenvolver estratégias em grupo;
- f) Saber ler, escrever, selecionar, organizar, relacionar, interpretar dados e informações representadas de diferentes formas (palavras, números, gráficos, mapas, tabelas...) para construir argumentação consistente, tomar decisões e enfrentar situações - problema;
- g) Saber recorrer aos conhecimentos desenvolvidos na escola para elaboração de propostas de intervenção solidária na realidade, respeitando os valores humanos e considerando a diversidade sociocultural;
- h) Saber analisar situações, relações e campos de força de forma sistêmica;
- i) Saber cooperar, agir em sinergia, participar de uma atividade coletiva e partilhar liderança;
- j) Saber planejar, trabalhar e decidir em grupo;
- k) Saber construir e estimular organizações e sistemas de ação coletiva do tipo democrático;
- l) Saber gerenciar e superar conflitos;
- m) Saber conviver com regras, servir-se delas e elaborá-las de forma que superem as diferenças culturais;

Implícitas na maioria destas competências há a necessidade também de:

- I. Saber ler e se expressar com clareza, concisão, coerência e fundamentação nas diversas linguagens (Portuguesa, Matemática, Artística);
- II. Saber identificar em um texto: o assunto, seu objetivo, a intenção do autor posicionando-se de forma própria;
- III. Saber expor, discutir e interpretar fatos e idéias a partir de situações e problemáticas concretas;
- IV. Saber escolher e redigir textos em situações que se façam necessários;
- V. Saber aplicar as operações básicas de matemática na solução de problemas cotidianos;
- VI. Saber utilizar, representar e relacionar diversas formas geométricas planas e espaciais para leitura, compreensão e ação sobre a realidade.

ALGUMAS PROBLEMÁTICAS DESENVOLVIDAS NO NÚCLEO

- Por que há tantas favelas no Brasil?
- Quais as causas e conseqüências do desmatamento no Brasil?
- Como as clínicas e as instituições estão tratando os usuários de drogas em Florianópolis?
- Como a sociedade está combatendo o uso de drogas em Florianópolis?
- O Que está sendo feito para tirar os animais da rua?
- Um corpo perfeito é o mesmo que um corpo saudável?
- Como que a Igreja Assembléia de Deus provocou a mudança na vida dos seus fiéis participantes?
- Por que as pessoas aderem a moda?
- Que alimentos contêm substâncias capazes de ajudar na prevenção da diabete, hipertensão, ansiedade e câncer?
- Como fazer para que Florianópolis tenha todas as ruas calçadas?
- Por que a farra do Boi está desaparecendo na ilha?
- Qual a importância das vitaminas das frutas na prevenção de doenças?
- Por que alguns viciados em cigarro não conseguem largar o vício?
- O que moradores adolescentes, adultos e idosos pensam sobre o amor causar sofrimento?
- Quais as vantagens para o agricultor em produzir alimentos orgânicos?
- Como se produz energia elétrica?
- Quais as lendas contadas em Florianópolis?
- A biblioteca da escola atende as necessidades de pesquisa dos alunos do EJA?
- Como surgiu o IPTU?
- Como fazer para os homens superarem o receio do exame de próstata?
- As pessoas usam drogas porque querem ou são influenciados a isso?
- Existe discriminação contra pessoas que usam tatuagem e piercing na hora de arrumar um emprego? Se existe, por quê?
- Qual a razão do início da guerra contra o Iraque?
- Por que a ilha de Santa Catarina foi chamada de Ilha da Magia?
- Por que tanto racismo em relação ao negro no Brasil?
- Por que tanta pobreza no Brasil?
- O que leva à violência infantil nas famílias em Florianópolis?
- Quais as conseqüências da relação financeira das empresas com os clubes de futebol no Brasil?
- Como se dá a cura através de plantas medicinal-nativas?
- Como surgiu a brincadeira do Boi de Mamão? Como essa tradição chegou a Florianópolis?
- Quais os direitos das mulheres?
- Como surgiram as religiões Budista e Islâmica? Quais as suas crenças?
- Como prevenir o Derrame?
- Quais os problemas de policiamento na comunidade? Por que a maioria das vezes o posto policial está fechado? Por que não temos policiamento à noite e no colégio? Por que só no verão percebemos uma melhora no policiamento?
- Como viviam os índios antes da colonização portuguesa e como vivem hoje?

- Quais as consequências da clonagem para a sociedade?
- Por que a água potável do planeta está acabando?
- Alimentos transgênicos: fazem mal ou não?
- Câncer de Mama. Como surge? Como evitá-lo?
- Será que somos verdadeiramente livres?
- Como se realiza o processo fotográfico e qual a sua importância como registro dos acontecimentos do passado?
- Qual a importância da gasolina para o progresso da nossa sociedade?